



PROMOÇÃO DA MOBILIDADE MILITAR NA EUROPA

Página 2

COMBATE ÀS AMEAÇAS HÍBRIDAS

Página 3

AUTONOMIA ESTRATÉGICA DA UE

Página 4

SUGESTÕES DE LEITURA

Página 5

A ARTE DA VASSALAGEM

Página 6

Como os Caros Consócios saberão a nossa Associação passou, desde o passado dia 14 de abril, a estar cometida à responsabilidade direta de novos Órgãos Sociais, para o triénio 2023-2025.

A missão e os objetivos do EuroDefense-Portugal obrigam-nos. Mas para eles estão igualmente convocados todos os Associados.

Ao iniciar funções, melhor diria, ao iniciar responsabilidades, a primeira palavra é para confirmar que em nosso entendimento as finalidades do EuroDefense-Portugal são plenamente pertinentes e potencialmente úteis. Para Portugal e, agindo em parceria e colaboração com as nossas quatorze congéneres europeias, também para o aprofundamento e valorização do processo europeu, em particular na dimensão da Segurança e Defesa. Empenhar-nos-emos nesse duplo sentido nacional e europeu.

Cumprir-nos, como segunda e muito grata palavra, endereçar uma saudação e um sinal de muito apreço pela ação de todos quantos nos antecederam, em particular em tempos mais recentes. Nesse contexto cumprimentando a figura do Senhor Dr António Figueiredo Lopes, enquanto Presidente da anterior Direção.

Vimos e estamos para construir sobre a boa e positiva realidade que hoje é o EuroDefense-Portugal. Certamente e como é natural, melhorando, atualizando e desenvolvendo sempre que as circunstâncias o justificarem.

Manteremos natural prioridade aos Estudos afins à Segurança e Defesa da Europa e ao que venham ser as condições, as oportunidades e os constrangimentos que se identifiquem na Europa num tempo pós agressão russa à Ucrânia.

Sob uma ótica de Economia de Defesa, trabalharemos as questões relativas à Base Tecnológica e Industrial da Defesa Europeia.

Num e outro desse campos estaremos atentos a matérias de tanta relevância contemporânea, como sejam o ciberespaço, o espaço, as tecnologias disruptivas, a revolução digital e a transição energética.

Os Jovens serão uma outra linha de esforço. Inserindo-os nas atividades gerais do EuroDefense-Portugal e dando-lhes espaço para iniciativas próprias, que estimularemos, apoiaremos e acompanharemos.

Muito em breve apresentaremos ao Conselho Geral a nossa proposta de Plano de Atividades para 2023.

Estamos cientes que, pela nossa natureza e dimensão, mas também pelos imperativos da vida presente, carecemos de parcerias. O Instituto da Defesa Nacional, a Associação Industrial Portuguesa, as Universidades e o mundo empresarial definem o universo em que prioritariamente procuraremos parcerias e cooperação. Por necessidade e pela nossa convicção que essa será a melhor via para produzirmos trabalho útil.

O nosso programa é pois simples e, cremos, claro. Contarão connosco, tanto como contamos com todos!

Lisboa, 30 de abril de 2023

Luís Valença Pinto
Presidente da Direção



PROMOÇÃO DA MOBILIDADE MILITAR NA EUROPA

[Ver mais](#)

Uma batalha difícil

A invasão em grande escala da Ucrânia pela Rússia fez da mobilidade militar uma prioridade máxima para a UE e a NATO. O regresso das ameaças militares tradicionais e a reorientação para a defesa territorial exigem que se concentre a atenção na eliminação dos obstáculos que impedem as forças armadas de se deslocarem rapidamente através das fronteiras da UE. No atual contexto de segurança europeu, a mobilidade militar é também uma questão de dissuasão e de postura de segurança coletiva.

Atualmente, estão a ser deslocados meios militares para o flanco oriental, que a NATO tem vindo a reforçar constantemente, enquanto foram enviados milhares de milhões de euros de equipamento para a Ucrânia como parte do apoio da UE e dos aliados. O transporte e a entrega de carros de combate, veículos blindados de transporte de pessoal, veículos de combate de infantaria e outros equipamentos que vários países fornecem à Ucrânia fazem parte do processo de mobilidade militar. As ações empreendidas a nível da UE para desenvolver a mobilidade militar nos últimos anos, com destaque para o Plano de Ação da UE 2.0. Identifica e analisa também os atuais objetivos da UE, descreve os principais desafios e apresenta recomendações para reforçar a mobilidade militar na Europa.



BOM MEDO, MAU MEDO

[Ver mais](#)

Como os investimentos europeus na área da defesa podem ser utilizados para retomar as negociações com a Rússia sobre o controlo do armamento

O regime europeu de controlo de armas nucleares está em mau estado, devido ao fim do Tratado sobre Forças Nucleares de Alcance Intermédio, do Tratado sobre Mísseis Antibalísticos, do Tratado sobre Forças Armadas Convencionais na Europa e talvez até do Tratado de Redução de Armas Estratégicas. A Rússia investiu fortemente em novas tecnologias e os Estados Unidos querem que a China seja incluída em quaisquer acordos futuros, mas a China não mostrou qualquer interesse. Isto deixa os europeus à margem no que respeita a desenvolvimentos cruciais para a sua própria segurança. Os europeus precisam de encontrar formas de pressionar a Rússia e diminuir a sua dependência dos Estados Unidos. Qual é o potencial dos investimentos europeus em armas convencionais avançadas que poderiam incentivar a Rússia a regressar à mesa das negociações? Este resumo explora o potencial das abordagens competitivas ao controlo de armas. Uma abordagem competitiva do controlo de armamentos baseia-se no pressuposto de que um interveniente reconhece que a sua segurança futura a longo prazo se torna progressivamente pior se não agir agora para estabilizar o equilíbrio de poder militar qualitativo e quantitativo.



COMPRAR ARMAS EM CONJUNTO (OU NÃO)

Aquisição conjunta de defesa e aquisição paralela de armas

[Ver mais](#)

A 24 de Fevereiro de 2022, a Rússia lançou uma invasão em grande escala da Ucrânia. Os combates desde então levaram ambos os lados a utilizar armas e munições a um ritmo não visto na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Para sustentar o combate, a Ucrânia necessita de um fornecimento contínuo de armamento. Em resposta, os Estados Unidos e muitos países europeus transferiram grandes quantidades de armas e equipamento para a Ucrânia. Estes fornecimentos estão agora a esgotar-se e os governos europeus estão ocupados não só a fornecer à Ucrânia e a reabastecer os seus próprios stocks, mas também a adquirir novas armas e equipamento no maior esforço de rearmamento da Europa desde os anos 50. Para acelerar as entregas, a UE concordou, em março de 2023, em lançar um projeto de "Aquisição Coletiva de Munições" associando os Estados Membros da UE e também a Noruega, e visando integrar as diferentes encomendas e processá-las através da EDA.



A UNIÃO EUROPEIA

Que papel na economia mundial?

[Ver mais](#)

A União Europeia (EU) é uma das maiores potências económicas do mundo. Reunindo um vasto leque de países do continente europeu, que criaram conjuntamente um mercado único e uma moeda única (embora não adotada por todos), a UE tem uma influência significativa no processo de tomada de decisões a nível mundial. Em alguns locais, a UE está diretamente representada (Organização Mundial do Comércio), noutros não está diretamente representada (Fundo Monetário Internacional) ou conta com a participação de alguns dos seus Estados-Membros (G20). Como tal, tem sido capaz de contribuir significativamente para encontrar soluções para uma vasta gama de questões, como a crise financeira. No entanto, nos últimos anos, a UE não tem conseguido navegar nestas organizações económicas internacionais e não tem sido capaz de utilizar estes fóruns para promover soluções globais.



MUDANÇAS DE JOGO

[Ver mais](#)

Implicações da guerra russo-ucraniana para o futuro da guerra terrestre

O que é que o registo de combate no ano desde que a Rússia iniciou a sua invasão em grande escala da Ucrânia anuncia sobre o carácter futuro da guerra terrestre? Os analistas de defesa estão divididos quanto ao facto de o conflito manifestar uma mudança transformadora ou apenas reforçar as verdades do combate terrestre. Por um lado, a maior parte das formações de cada lado está armada com equipamento com décadas e treinada em táticas da era soviética. No entanto, ambas as forças estão a adaptar-se, e os militares ucranianos estão a demonstrar uma impressionante propensão para improvisar e inovar. Em particular, a Rússia não estava preparada para a convergência da Ucrânia de novas capacidades de comando e controlo, vigilância persistente e fogos de precisão em massa, que estão a mudar o jogo da guerra terrestre.



COMBATE ÀS AMEAÇAS HÍBRIDAS

O papel da força expedicionária conjunta

[Ver mais](#)

A guerra da Rússia na Ucrânia alterou fundamentalmente a ordem internacional que se baseia nas normas e valores da soberania dos Estados e do direito internacional. Enquanto as guerras nos Balcãs nos anos 90 foram o resultado de tumultos internos que levaram ao colapso da Jugoslávia, o conflito armado russo-ucraniano marca o regresso de uma guerra interestatal em grande escala na Europa pela primeira vez desde o final da Segunda Guerra Mundial. Um ano após o lançamento da invasão russa, em 24 de fevereiro de 2022, já se podem tirar lições valiosas sobre as características da guerra moderna. O conflito demonstrou - tanto no período que antecedeu a invasão como após o início da guerra - que os aspetos não militares fazem parte da estratégia da Rússia. Exemplos bem conhecidos são o abuso da "dependência de petróleo e gás" da Europa em relação à Rússia, a disseminação de desinformação, ciberataques e a canalização de refugiados e fluxos migratórios. O que estes meios têm em comum é o facto de terem como objetivo minar a unidade do Ocidente e desestabilizar as suas sociedades e democracias. Este conjunto muito complexo de ameaças híbridas levanta novas questões sobre a forma de lhes dar resposta, uma vez que o domínio híbrido exige o envolvimento de muitos intervenientes diferentes a nível nacional e internacional: desde vários ministérios e mesmo empresas privadas (como o sector da energia) até à UE e à NATO.



DISSUAÇÃO E DEFESA DA NATO

Prioridades militares para a Cimeira de Vilnius

[Cartilha](#)

[Prioridades](#)

Na Cimeira de Vilnius, a NATO deverá tomar medidas para reforçar as suas capacidades de dissuasão e defesa para enfrentar os desafios colocados pela ameaça militar convencional russa. As áreas chave incluem a mobilidade, a sustentação, a interação com o sector privado, os veículos não tripulados, a inteligência artificial, as minas, o comando e controlo e a garantia de recursos adequados. A tomada das medidas necessárias reduzirá a probabilidade de conflito, mas garantirá que a NATO prevalecerá se o conflito surgir.

DEFININDO O SUCESSO DA CIMEIRA DA NATO EM VILNIUS

Um Cartilha

Uma cimeira da NATO bem-sucedida em julho exige progressos significativos numa série de prioridades políticas e militares da NATO, especialmente as enumeradas em Madrid. No entanto, a primeira condição para o sucesso estará ligada ao progresso da Ucrânia na expulsão das forças invasoras russas do seu território, para que Kiev possa negociar uma paz permanente com a Rússia. Este cenário - plenamente realizado ou tangivelmente próximo - depende do aumento do apoio militar a Kiev por parte dos Estados Unidos e dos seus aliados, incluindo uma maior flexibilidade operacional para as forças ucranianas atingirem os sistemas de tiro russos dentro da Rússia.



CONVERGÊNCIA DA UNIÃO EUROPEIA

[Ver mais](#)

Dimensão geográfica, impacto da COVID-19 e o papel das políticas

Desde o Tratado de Roma, a convergência económica tem figurado como um objetivo fundamental da UE. A ideia de que a integração económica da UE conduz a melhorias no desempenho económico dos Estados-Membros e - como subproduto - no desempenho social, ao mesmo tempo que reduz as disparidades entre países, sempre foi vista como uma promessa da UE. Historicamente, o debate político em torno da integração e da convergência na UE ganhou ímpeto no rescaldo de uma crise. Ao choque petrolífero da década de 1970 seguiu-se a criação do mercado único e, mais tarde, da União Económica e Monetária. A crise da zona euro e a subsequente recessão conduziram ao reforço da governação económica e financeira da UE e à adoção do Pilar Europeu dos Direitos Sociais. Mais recentemente, o NextGenerationEU, um pacote sem precedentes de apoio aos Estados-Membros, foi acordado em resposta à pandemia de COVID-19. Cada uma destas grandes inovações políticas teve o objetivo explícito ou implícito de apoiar a convergência económica, social e, mais recentemente, institucional.



A GUERRA PERSISTENTE NA UCRÂNIA

Implicações de segurança na Europa

[Ver mais](#)

É difícil prever com certeza os efeitos a longo prazo da guerra, mas é essencial estar consciente de que quanto mais tempo uma guerra continua, mais terrível se torna o seu impacto a longo prazo. A era de relativa paz e estabilidade na Europa terminou, a segurança já não deve ser considerada como um dado adquirido. A Europa precisa de repensar a sua segurança a nível da UE, da NATO e dos Estados-membros. É também essencial encontrar o equilíbrio certo para garantir a segurança a nível interno, enquanto se presta o tão necessário apoio à Ucrânia.

Já passou mais de um ano desde que a Rússia iniciou uma guerra contra a Ucrânia em fevereiro de 2022, levando à devastação do país, e pôs fim à paz na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Com a ordem e a segurança baseadas em regras na Europa em perigo, a Europa tem de reconstruir a sua arquitetura de segurança, enquanto enfrenta uma complexa transformação verde e digital, recuperação pós-pandémica, alta inflação, uma crise energética. A região da Europa Central e Oriental permanece no centro das atenções, dada a sua localização geopolítica e os seus laços económicos tanto com a Ucrânia como com a Rússia.


[Ver mais](#)

O facto de a UE importar quase 60 % da sua energia mostra que a verdadeira autonomia estratégica da UE no domínio da energia está longe de ser alcançada. A atual crise energética representa um risco para os quatro objetivos da política energética da UE. A crise no mercado da energia está a causar dívidas públicas e privadas e inflação, o que pode desestabilizar o mercado europeu da energia. Embora a diversificação das importações de gás para além da Rússia reduza a dependência de um grande fornecedor, a dependência de vários outros países terceiros implica novos riscos de aprovisionamento. Embora os preços elevados dos combustíveis fósseis possam acelerar a transição para as energias renováveis, o investimento a curto prazo em combustíveis fósseis alternativos e os limites máximos dos preços da energia correm o risco de diluir os incentivos à transição ecológica. Por último, a melhoria da conectividade das redes energéticas transfronteiras é susceptível ao risco, ainda não testado, de falta de solidariedade entre os Estados-Membros em caso de crise estrutural do aprovisionamento. Agora que a política energética é cada vez mais determinada pela geopolítica, é essencial atenuar estes riscos. Até à data, a UE tem gerido bastante bem estes quatro desafios, embora subsistam preocupações.


[Ver mais](#)

Da negação estratégica ao despertar geopolítico

A evolução da política da UE em relação à Ucrânia, com os principais pontos de viragem a ocorrerem em 2004, 2014 e fevereiro de 2022, quando teve início a invasão em grande escala da Ucrânia pela Rússia. O fator restritivo dominante no caso da Ucrânia foi a concorrência multipolar (ou melhor, bipolar) entre a UE e a Rússia no que respeita à ordem política, económica e de segurança europeia, que se acentuou gradualmente desde 2004. Até 2022, a principal tática de atenuação da UE em resposta a essa concorrência foi, na verdade, a sua negação, mas em 2022 esta abordagem tornou-se insustentável e a UE entrou na concorrência como um ator geopolítico emergente, tentando ativamente moldar o futuro da ordem europeia que foi desafiada pela guerra na Ucrânia. As relações entre a UE e a Ucrânia também foram complicadas pela fragmentação regional no espaço pós-soviético e na Ucrânia, mas este fator foi ofuscado pela concorrência geopolítica. A contestação interna na UE foi um importante fator de constrangimento em 2004-2014, mas depois de 2014 e especialmente depois de 2022 a UE atingiu um nível de unidade sem precedentes face ao mais grave conflito geopolítico na Europa pós-Segunda Guerra Mundial.


[Ver mais](#)

Como estabilizar as democracias liberais e reconquistar terreno para os partidos de centro-direita

Nas democracias ocidentais, os princípios fundamentais de uma sociedade aberta estão a ser ameaçados pela polarização política, pela (auto)censura e pelo declínio das oportunidades de um discurso público aberto. São sobretudo os partidos centristas, em particular os conservadores-liberais e os democratas-cristãos, que têm sido afetados por estas deformações. O artigo analisará a génese e as características dos atuais debates públicos sobre estas questões e desenvolverá ideias, numa perspetiva conservadora-liberal, sobre o reforço da posição política e ideológica dos partidos de centro-direita. Defende que não são, antes de mais, os debates e as divisões em torno dos valores nas sociedades modernas que constituem o maior desafio para as democracias modernas e para os partidos democráticos.


[Ver mais](#)

Política progressiva para a vizinhança oriental como pedra angular da estabilidade e segurança da UE

24 de fevereiro de 2022 marcou um ponto de viragem na história da integração europeia. O ataque não provocado a um Estado soberano pelas suas aspirações de fazer parte da família democrática europeia é indesculpável. A dor e o sofrimento que trouxe são incomensuráveis. O impacto a longo prazo da agressão da Rússia será sentido durante gerações, transcendendo as fronteiras ucranianas. Natural da Ucrânia, tendo estudado a UE durante a maior parte da minha vida profissional, testemunhando em primeira mão o "big bang" do alargamento da UE em 2004, vi-me num momento inesperado. A agressão da Rússia, que encontrou a feroz resistência da Ucrânia, teve um momento transformador involuntário para as relações deste país com a UE. Um seguro, democrático, livre e estável da UE não é possível sem mais alargamentos, que deve incluir o que deve incluir os países vizinhos do Leste europeu.


[Ver mais](#)

Como é que o Reino Unido pretende posicionar-se como um parceiro fiável numa ordem mundial competitiva

Quase dois anos após a publicação da "Revisão Integrada", o governo britânico atualizou a sua estratégia de segurança. Esta "atualização" destina-se principalmente a adaptar-se ao rápido avanço da evolução para uma ordem global contestada e fragmentada. Sem indicar uma mudança radical, a estratégia específica a resposta britânica à China e à Rússia e coloca uma ênfase especial no papel dos parceiros, bem como na resiliência nacional. Na sequência da mudança de liderança do governo britânico para Rishi Sunak, o documento estabelece uma abordagem mais pragmática para a cooperação futura com a UE. A fim de fazer avançar a implementação da Revisão Integrada e reforçar as relações euro-atlânticas, a Alemanha e a UE devem aproveitar a dinâmica e aprofundar a sua cooperação com Londres.

SUGESTÕES DE LEITURA



Fora do Indo-Pacífico e da Europa

Durante as administrações de Barack Obama, Donald Trump e Joe Biden, os Estados Unidos fizeram do combate à ascensão da China no Indo-Pacífico e, em menor escala, do controlo do revanchismo russo na Europa prioridades centrais da sua estratégia de segurança nacional. A administração Obama apelou a um "reequilíbrio em direção à região da Ásia-Pacífico". A administração Trump enfatizou o Indo-Pacífico e a Europa como as regiões onde os Estados Unidos precisavam de concentrar os seus esforços. E a Orientação Estratégica de Segurança Nacional Provisória da administração Biden afirma de forma semelhante que a "presença dos EUA será mais robusta no Indo-Pacífico e na Europa". Esta priorização faz sentido intuitivamente. Afinal, em ambas as regiões, os Estados Unidos têm muitos pontos de fricção com a China e a Rússia - incluindo Taiwan, o Mar do Sul da China, a Ucrânia e o Báltico, para citar alguns. No entanto, historicamente, a competição e o conflito entre as grandes potências têm-se desenrolado frequentemente em áreas que não são do interesse das próprias grandes potências. Durante os séculos XVIII e XIX, as potências europeias competiram por território e travaram guerras nas Américas, em África e no Sul da Ásia, bem como na Europa. Durante o século XX, os EUA e a União Soviética travaram uma Guerra Fria que incluiu conflitos na América do Sul, em África e na Ásia, apesar de tanto os Estados Unidos como a União Soviética terem concentrado grande parte da sua atenção na Europa.

[Ver mais](#)


Há vários anos que a União Europeia se apercebeu da importância da resiliência para fazer face à rápida evolução do ambiente de segurança em diferentes domínios (social, político, jurídico, cibernético, etc.), níveis (local, nacional, internacional) e espaços (cívico, governação e serviços). Hoje, mais do que nunca, estamos rodeados de desafios complexos em matéria de segurança. Enfrentamos uma concorrência estratégica; a guerra regressou à Europa e as fontes de instabilidade estão a aumentar na nossa vizinhança e para além dela. Tudo isto significa também que temos de estar preparados para o aumento das ameaças híbridas, tanto em termos de frequência como de impacto.

A guerra russa na Ucrânia mostra um resultado possível se não conseguirmos combater as ameaças híbridas. A atividade de ameaças híbridas visa especificamente os sistemas democráticos e os que se encontram no processo de democratização. Aqueles, como a Ucrânia, que se encontram num processo de democratização em curso, encontram-se na posição mais vulnerável. Já têm as vulnerabilidades sistémicas das democracias, mas não têm toda a proteção das instituições, tradições e processos democráticos estabelecidos. Durante décadas, a Rússia exerceu uma atividade de ameaça híbrida na Ucrânia antes do início da guerra. A sua atividade evoluiu da fase de preparação para a desestabilização para a fase de coerção. Embora aparentemente a Ucrânia não tenha sido capaz de contrariar totalmente as atividades híbridas, foi capaz de negar os objetivos estratégicos da Rússia.

[Ver mais](#)


Como pode o euro ser usado para aumentar a autonomia estratégica da UE?

Na sequência do anúncio pela UE, juntamente com os EUA, de uma série de pacotes de sanções contra a Rússia em resposta à invasão da Ucrânia por este país, a discussão da "autonomia estratégica da UE" assumiu uma nova urgência. Trata-se de um debate multifacetado, com considerações que vão desde as capacidades comuns europeias de segurança e defesa até à segurança energética e às relações comerciais. No centro destas considerações está a capacidade de prosseguir uma política que defenda os interesses económicos e geopolíticos europeus enquanto opera nos mercados financeiros internacionais. O papel e a importância da moeda comum europeia é, portanto, crítico.

[Ver mais](#)


Um quadro de resposta política

Os estados rivais utilizam cada vez mais táticas híbridas para influenciar os processos democráticos e explorar as vulnerabilidades dos seus adversários. Como resposta, os governos ocidentais aumentaram progressivamente a sua consciência situacional e desenvolveram capacidades para minimizar os danos das ameaças híbridas. Além disso, começaram também a responder proactivamente às ameaças híbridas, implementando uma série de políticas para não só aumentar a resiliência e reforçar a defesa, mas também para moldar o comportamento do adversário através de medidas de dissuasão. No entanto, dissuadir os agressores híbridos continua a ser uma tarefa difícil.

[Ver mais](#)


Na reunião de 9 de fevereiro em Bruxelas, os líderes europeus discutiram como responder ao último projeto de lei climática do Presidente dos EUA, Joe Biden. A nova política industrial estratégica da UE e os comentários da Presidente da Comissão Europeia Ursula von der Leyen sobre o apoio oculto da China às suas indústrias mostram quão vasto é realmente o desafio europeu. Face à nova realidade geo-económica, a UE deve redefinir as suas prioridades para assegurar a sua competitividade, prosperidade e papel a longo prazo na cena mundial. A adoção no Verão passado nos EUA da Lei de Redução da Inflação é um impulso para a transição para uma energia e indústria mais limpas.

Na reunião de 9 de fevereiro em Bruxelas, os líderes europeus discutiram como responder ao último projeto de lei climática do Presidente dos EUA, Joe Biden. A nova política industrial estratégica da UE e os comentários da Presidente da Comissão Europeia Ursula von der Leyen sobre o apoio oculto da China às suas indústrias mostram quão vasto é realmente o desafio europeu. Face à nova realidade geo-económica, a UE deve redefinir as suas prioridades para assegurar a sua competitividade, prosperidade e papel a longo prazo na cena mundial. A adoção no Verão passado nos EUA da Lei de Redução da Inflação é um impulso para a transição para uma energia e indústria mais limpas.

[Ver mais](#)



A ARTE DA VASSALAGEM

Ver mais

Como a guerra da Rússia contra a Ucrânia transformou as relações transatlânticas.

A questão do envio de carros de combate Leopard 2 para a Ucrânia percorreu a política alemã e europeia durante meses. O Ocidente tinha-se comprometido coletivamente a apoiar a Ucrânia na sua guerra com a Rússia. A Ucrânia disse precisar de carros de combate ocidentais - e os Leopard de fabrico alemão eram os carros de combate que melhor se adaptavam. O governo em Berlim não discordou precisamente. Mas preocupou-se com a escalada e a reação de Moscovo, particularmente dada a história conturbada da Alemanha com a Rússia, e por isso recusou-se a avançar primeiro. "Atuamos sempre em conjunto com os nossos aliados e amigos", insistiu o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz. "Nunca vamos sozinhos".

A parte curiosa era que ninguém estava a pedir à Alemanha para agir sozinha. A Grã-Bretanha já tinha anunciado que iria enviar 14 dos seus principais carros de combate Challenger para a Ucrânia. Os governos polaco e finlandês tinham anunciado publicamente que estariam prontos a fornecer os carros de combate Leopard 2 em conjunto com outros aliados. O Parlamento Europeu votou a favor de uma iniciativa da UE a este respeito em outubro de 2022.



CHINA/ESTADOS UNIDOS Europa fora de equilíbrio

Ver mais

A Europa fora de equilíbrio

A guerra na Ucrânia rompeu os laços entre a UE e a Rússia para o futuro próximo, nomeadamente no domínio da energia, mas não sem consequências no Médio Oriente, em África e no Indo-Pacífico. Além disso, esta guerra tornou-se a principal manifestação de confronto indireto ativo entre os Estados Unidos - que apoiaram militarmente os ucranianos, com a ajuda dos seus aliados europeus - e a China, que apoiou política e economicamente a Rússia. Em fevereiro de 2022, Moscovo e Pequim declararam a sua "amizade sem limites"; em março de 2023, Xi Jinping ofereceu o seu apoio pessoal a Vladimir Putin depois de o Tribunal Penal Internacional ter emitido um mandado de captura. Na sua posição sobre a resolução política da crise na Ucrânia, apresentada em fevereiro de 2023, a China declarou: "Todas as partes devem opor-se à procura da sua própria segurança à custa da segurança dos outros, evitar o confronto em bloco e trabalhar em conjunto para a paz e a estabilidade no continente euro-asiático". A China não é mais mediadora do que os Estados Unidos: seria irrealista acreditar nisso. Parece que estamos a assistir a um regresso da geopolítica de blocos, embora num contexto completamente diferente do da Guerra Fria (1947-1991).



A LEI DE MATÉRIAS-PRIMAS CRÍTICAS NUMA PERSPETIVA GLOBAL

Ver mais

A UE e os parceiros estratégicos, políticas internas da UE

Os minerais são blocos de construção essenciais para as tecnologias de energia limpa. À medida que a indústria das energias renováveis vai crescer, a procura de minerais vai aumentar em conformidade. Um Relatório do Banco Mundial de 2020 concluiu que a produção de minerais teria de aumentar em 500 % até 2050 para satisfazer a procura crescente de tecnologias de energia limpa. Especialmente o crescimento previsto dos veículos elétricos de utilização intensiva de minerais será um motor da procura. A oferta de lítio, um mineral essencial na produção de baterias EV, terá de aumentar 57 vezes até 2050 para satisfazer o aumento projetado da procura.



OPERAÇÕES CIBERNÉTICAS NA GUERRA DA RÚSSIA CONTRA A UCRÂNIA

Ver mais

Usos, limitações e lições aprendidas até à data

Um ano após a invasão russa da Ucrânia, certos pressupostos sobre a utilidade das operações cibernéticas durante a guerra podem agora ser postos à prova. Os ataques cibernéticos russos abriram esta guerra, mas não conseguiram alcançar os seus objetivos face a um ciberdefensor resistente. O combate cibernético/convencional conjunto ainda é difícil de implementar devido aos seus efeitos incertos, ao potencial de alastramento, aos ciclos de desenvolvimento de malware e aos diferentes tempos operacionais. As operações cibernéticas contra a Ucrânia (ainda) não alcançaram efeitos estratégicos importantes na redução da capacidade de resistência da Ucrânia.



A INFLUÊNCIA DA ESPANHA NA EUROPA

Ver mais

Há mais de três décadas, Jacques Delors definiu o projeto europeu - com uma ironia notável - como um objeto político não identificado. Desde essa indefinição deliberada, quer quanto à própria essência de um projeto de união nunca antes tentado na história, quer quanto aos objetivos e domínios de ação, o ideal europeu não deixou de inspirar países e regiões de todo o mundo. Países como a Espanha, cuja entrada na então Comunidade Europeia foi quase paralela à recuperação das liberdades cívicas e da democracia. A ligação entre a Europa e os valores democráticos é, por conseguinte, entendida como um binómio natural, o que explica a força do sentimento europeísta, maioritário na sociedade espanhola, e que constitui, em si mesmo, um trunfo precioso.